A CONCEITUAÇÃO DA PAISAGEM COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PAISAGISMO

Fabio Bei

Prof. Me. Docente na Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Santos – SP, Brasil

fbei@unisanta.br

RESUMO

Este artigo, base do livro "Da semente à paisagem", é uma indicação conceitual para um programa de disciplinas ligadas à criação e estruturação da paisagem para melhor aproveitamento dos futuros profissionais. Isso foi percebido através da experiência das aulas como professor da disciplina de paisagismo nos cursos de arquitetura. As formas de transmitir conceitos, distribuir a visão do mundo através do paisagismo e, observar as surpreendentes reações dos alunos quando percebem a paisagem como uma compilação de trocas de informações, nos leva a transmitir mais conceitos para que possam assimilar o meio em que vivem sob outra óptica, muito mais rica. São explicações de situações diversas do desenvolvimento dos projetos de arquitetura da paisagem em várias escalas, conceituando a paisagem da cidade e suas consequências. E assim aprendemos a desenvolver projetos paisagísticos, questionando as intervenções e o dia a dia, aplicando os conceitos recebidos e assimilados, pesquisando e analisando o que nos leva a importantes resultados profissionais. Procuramos mostrar como o aluno vai encarar a vida profissional, os conceitos de paisagismo e a importância da visão que se deve ter da relação da paisagem com o espaço livre e a percepção e o que isso traz para o desenvolvimento de projetos da arquitetura da paisagem. No fundo somos todos aprendizes que vivemos nossos sonhos e começamos a lidar com nossos anseios através da percepção e da visão da paisagem de onde habitamos e passamos.

Palavras-chave: Arquitetura paisagística. Ordenamento da paisagem. Projetos de arquitetura da paisagem. Paisagismo.

LANDSCAPE CONCEPTUALIZATION AS A TOOL FOR LANDSCAPE DESIGN DEVELOPMENT

ABSTRACT

This article, the basis of the book "From Seed to Landscape," provides a conceptual framework for a program of disciplines related to the creation and structuring of landscapes for the better utilization by future professionals. This was perceived through the experience of teaching landscape design in architecture courses. The ways of conveying concepts, distributing the worldview through landscaping, and observing the surprising reactions of students when they perceive the landscape as a compilation of information exchanges lead us to transmit more concepts so that they can assimilate the environment in which they live from a much richer perspective. It explains various situations in the development of landscape architecture projects at different scales, conceptualizing the landscape of the city and its consequences. And so, we learn to develop landscaping projects, questioning interventions and everyday life, applying received and assimilated concepts, researching and analyzing what leads us to important

professional results. We seek to show how the student will face professional life, the concepts of landscaping, and the importance of the perspective one must have on the relationship between the landscape and free space, perception, and what this brings to the development of landscape architecture projects. In essence, we are all apprentices who live our dreams and begin to deal with our desires through the perception and vision of the landscape where we inhabit and pass through.

Keywords: Landscape architecture. Landscape planning. Landscape architecture projects. Landscaping.

INTRODUÇÃO

A paisagem é o elemento primordial desse trabalho, devemos antes de tudo conhecer o que representa o nosso entorno, analisarmos para depois criarmos o projeto seja da arquitetura, urbanismo ou paisagismo que estruture ou modifique a paisagem.

Podemos definir a **paisagem** como tudo o que se vê sob determinado ângulo de visão. Mas também é tudo que se sente, que se escuta, que se cheira, que se olha e se toca. São todos aspectos dos sentidos do indivíduo. A cultura e a história estão na linha da percepção em que podemos entender a formação da paisagem através delas.

Antes de falar em paisagismo, que é um projeto de intervenção no ambiente, devemos pensar primeiro na **paisagem**.

A arquiteta paisagista Rosa Kliass, no *"Livro da Rosa"* dá sua visão sobre o assunto: "a interferência paisagística não é temática. O tema não é a rodoviária, o aeroporto, a escola, o parque. O tema é a paisagem: que inclui a arquitetura, a cidade".

Existem vários tipos de paisagens, desde as **naturais** que não foram alteradas pelo homem (reservas, florestas, parques naturais e outros espaços do planeta), até a paisagens **antrópicas** (rural e urbana) que teve interferências humanas, sendo que as cidades são os elementos com mais movimentação constante de alterações. Sendo assim temos áreas planejadas com projetos bem elaborados como também áreas sem projetos ou de uso degradado como os lixões e extrativismo de minérios e outros.

As paisagens naturais ainda são encontradas no litoral e/ou serras, florestas e reservas como os Parques Naturais, por exemplo a Serra do Mar e tantas outras preservadas com praias e cachoeiras, matas com suas correntes de rios, flora e fauna nativa.

A paisagem antrópica é a paisagem que o homem interviu, podemos dizer que temos varias formas desse tipo. Um exemplo mais evidente é a cidade, que foi e é

modificada constantemente com alterações nas ruas, avenidas, pátios, praças e parques. As construções de diversas edificações surgem como se fossem plantas no solo – e em pouco tempo crescem sob a forma de concreto e estruturas de metais. Surgem muros, calçamentos e cimento. Tudo se modifica sem parar e sem que percebamos essas alterações.

É importante levar em conta que nem sempre a paisagem antrópica é destrutiva. Muitos projetos urbanísticos e paisagísticos são criados para melhoria da paisagem, mas sempre deve-se verificar e analisar se realmente são projetos viáveis e de caráter positivo.

Paisagem rural e de extração mineral são intervenções diretas na natureza, enquanto o uso do espaço para a agricultura e pecuária são ações que modificam o terreno e devem ter um manejo adequado para preservar o meio ambiente, cuidados com a flora e fauna, bem como o solo e a água. Na paisagem de extração, as usinas de areia e pedras, metais e alumínio, como também os depósitos de lixo e outros elementos, deterioram áreas e a paisagem local interferindo diretamente no entorno, na qualidade da água e do solo, atingindo a flora e fauna.

Avaliação da paisagem

É através da paisagem que podemos avaliar o espaço a ser projetado, seja ele de uma residência, de um comércio ou uma indústria, de uma praça, um parque ou uma cidade.

Cada espaço tem sua peculiaridade na paisagem. E todos têm o indivíduo, ou usuário, como principal elemento da percepção humana. Cada intervenção vai ter uma representatividade na vida das pessoas, pelo simples olhar, ouvir, sentir aromas e vivenciar o espaço. Podemos assim avaliar o local pela percepção da paisagem. E, com isso, surgem os conceitos de percepção e espaço.

A Arquitetura Paisagística vem para estruturar espaços e melhorar a paisagem, idealizando propostas que visam atingir a percepção humana. Serve para melhorar a vida dos habitantes nas cidades, no seu cotidiano, com ruas, avenidas e parques, áreas de lazer e de convívio integrando a vegetação à arquitetura urbana ou espaços privados, elementos construtivos, mobiliários e pisos, criando desenhos harmoniosos, volumes, movimentos e cores.

Oferece uma paisagem integrada, com a preservação histórica e cultural, além do meio ambiente, objetivando o conforto com temperaturas e frescor mais coerentes. São

as visões agradáveis, sons da natureza (de pássaros, animais e da água) e os aromas da natureza com flores, terra molhada, que deliciam nossas vidas. Uma grande troca de informações mostrando a importância da paisagem para a valorização da vida humana.

Quando elaboramos projetos da *Arquitetura da paisagem* ou *arquitetura paisagística* , interferimos em áreas que podem ser de pequenas a grandes escalas – sejam praças, parques urbanos ou lineares, áreas ambientais, ou mesmo projetos em residências, comércio, indústrias e do paisagismo urbano de ruas, avenidas, áreas de lazer onde está inserida a cidade, que é o aspecto mais importante para se pensar na melhoria da paisagem.

Paisagem urbana

"... o que vemos na cidade é um aglomerado de formas, texturas, cores, sons, aromas, movimentos, luzes e sombras, aberturas e fechamentos.", resume *G. Cullen*, no *livro "Paisagem urbana".*

A paisagem urbana representa a mais antrópica de todas. Essa relação da natureza é um ponto muito discutido pelos especialistas e acadêmicos. Vemos isso, por exemplo, no texto de *Anne Spirn* em seu livro, "*Jardim de Granito*": "*a natureza permeia a cidade, forjando as relações entre ela e o ar, o solo, a água e os organismos vivos em seu interior e em sua volta*". Para Spirn, é necessário mudar o projeto geral das cidades nas áreas de expansão e redesenhar os centros já estabelecidos, reconhecendo e aproveitando as potencialidades naturais.

A problemática da poluição pelas quais muitas cidades passaram nos anos 1970 alertou os gestores. São Paulo, Los Angeles, Tóquio, Londres e várias outras metrópoles descobriram esse novo obstáculo dos gases das indústrias e de veículos gerando problemas sérios de saúde para a população, tirando a qualidade da água e do ar – os chamados impactos ambientais urbanos.

Surgiram daí estudos ambientais que antes não se contemplavam no mundo. A palavra **ecologia** aparece como elemento forte, em princípio para proteção das cidades e dos meios naturais. A cidade de Cubatão, em São Paulo, despontou como o pior local de altos índices de poluição do Brasil, em contraponto ao desenvolvimento das indústrias que tiveram seu modo de emissão de gases alterado e saneado. Esse problema serviu para que novas atitudes governamentais fossem tomadas, criando políticas públicas para a necessidade de estudos de impactos ambientais e aplicações de normas para as indústrias

da região, solucionando os problemas que hoje, depois de décadas, apresenta o ambiente mais próprio para a vida humana.

As questões que eram no início ambientais e depois se ampliaram para as áreas sociais, impactaram o mundo, levaram os países a estudar profundamente a ecologia e, a partir da primeira conferência sobre o meio ambiente em, 1972 em Estocolmo, um novo termo surgiu: **sustentabilidade** (palavra que define ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades dos indivíduos sem comprometer o futuro das gerações). A partir disso, muitas ações governamentais foram tomadas para conservar o meio ambiente e as questões sociais.

A urbanização desenfreada das cidades litorâneas interfere diretamente em praias, mares e suas estruturas ecológicas. O próprio crescimento das cidades existentes são responsáveis pela degradação da natureza.

Vemos o exemplo da cidade de Santos, São Paulo, que até a metade dos anos 1960 viveu um grande apogeu do turismo e assim um *boom* imobiliário aconteceu, com as construções de novos edifícios de apartamentos de temporada explodindo pela cidade. Sem o devido cuidado com as estruturas de saneamento, os problemas surgiram com a poluição do mar e da areia, afastando muitos dos turistas para novos polos que apareceram no litoral norte de São Paulo.

A partir dos anos 1980 a cidade teve que criar novos modelos de saneamento e renovação da cidade, que é hoje bem mais estruturada, com planos urbanísticos adequados, e da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo). Mesmo assim, ainda existem problemas a ser enfrentados em mangues na periferia da cidade.

Nas grandes cidades, outros problemas surgiram, com a problemática do lixo urbano e os aterros sanitários. Sem entrar nos aspectos mais profundos do tema, mas pensando na dificuldade de certas comunidades ainda sem saber como tratar essa questão, aparecem novas preocupações, como doenças trazidas por ratos, bactérias e vírus que podem entrar nas casas. Apesar dos centros de reciclagem, ainda existem lixos jogados em rios, ruas e terrenos vazios, poluindo e trazendo doenças. A paisagem fica deteriorada.

Paisagem imaginária e a real

Podemos imaginar uma cena de um pôr do sol num horizonte de céu azul amarelado, uma natureza bonita no mar ou na serra. Mas se estamos falando de paisagem da cidade, temos várias e diferentes formas de vê-la e senti-la.

Em princípio, a imaginação nos leva às mais belas imagens de uma cidade, seja vista de cima de uma montanha, de um edifício, de um monumento ou do avião. Estas imagens sempre nos trazem a beleza, por olharmos numa escala macro. As imagens noturnas, então, nesta escala, vistas de cima, são as mais valorizadas, pois vemos as luzes se espalhando por relevos diferentes, os volumes edificados, os alinhamentos de luzes amareladas refletindo as avenidas e ruas. As sombras das espécies vegetais e dos edifícios trazem sensações e criações mentais imaginárias com as cores sem a representação do feio, do sujo, do degradado. A vista à noite, do alto, tudo é belo pelas luzes das casas.

Quando estamos no nível do piso, temos a realidade dos aspectos físicos e perceptíveis da cidade. A paisagem pode ser sentida pelos movimentos de seus habitantes, como usam a cidade e como atuam nela. A percepção está aberta aos estímulos sensoriais. O usuário percebe o cheiro ou aroma de rios, vegetação, barulhos e movimentos, terra molhada, texturas, luzes e cores.

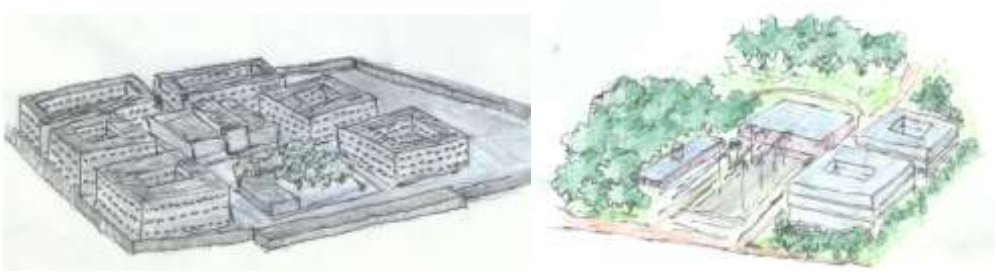
Caminhando pelas ruas da cidade acompanhamos a demonstração do cotidiano. Locais cuidados ou deteriorados que mesclam sentidos e valores, tanto da população como do setor público.

Temos cidades com os espaços urbanos organizados com a arquitetura pensada respeitando o patrimônio histórico, ambiental e cultural, anseios da população. Temos também as cidades perdidas que abandonam a função definida e se entregam ao consumismo, sem legislação, que crescem sem visão, deteriorando a paisagem com os problemas de lixo espalhado por todos os lados, as construções que crescem rumo ao egoísmo de cores e formas, sem integração com a paisagem existente, como se fossem seres isolados. Os próprios pisos das calçadas sem manutenção, e destruídos pelo uso, deixam um ar de abandono e perigo para o caminhar do indivíduo, sem respeito pelos deficientes e cadeirantes, mesmo existindo leis de acessibilidade que não são obedecidas. Nessas cidades, ruas com espaços reduzidos no tamanho de calçadas dificultam o caminhar dos usuários, disputando seus trajetos com os postes mal localizados. As praças, em número inferior ao que é necessário, são mal ocupadas e subutilizadas, construídas sem um projeto adequado para o local, definindo sempre um padrão igual a todas as outras. São frágeis espaços, objetos de desejos do mercado imobiliário e do próprio setor público para transformá-las em qualquer outra função.

Importância da paisagem

Na área urbana temos alguns exemplos do conceito de paisagem: o Parque da Juventude, em São Paulo, é um deles. Anos atrás, no local do parque estava construído o presídio do Carandiru. Num processo de intervenção na área e a consequente demolição do presídio, surgiu a revitalização do lugar, com a implantação do parque, (projeto concebido pela arquiteta-paisagista Rosa Kliass junto ao escritório Aflavo & Gasperini). Na época do presídio, o entorno era de bares e hotéis de baixa categoria, prostituição, e o clima da paisagem era sombrio.

Figura 1 - Parque de juventude - antes e depois.



Fonte: Croqui do autor.

Hoje, após anos do funcionamento do parque, esse clima mudou totalmente com a criação de espaços de lazer, das áreas desportivas e de educação das escolas profissionalizantes funcionando no local. O entorno valorizado com outros tipos de comércio de níveis mais elevados, e da tranquilidade da região, oferecendo atividades para os jovens, o que antes não existia.

De modo inverso, podemos degradar uma região com intervenções que nada têm a ver com o local. Um exemplo clássico aconteceu na Praça Roosevelt, também em São Paulo. A partir dos anos 1950 e 1960 a área se resumia numa esplanada e não tinha nada além da Igreja da Consolação, uma imponente construção, um marco referencial no final das avenidas Ipiranga e Consolação, enquanto o resto do espaço servia como estacionamento durante a semana e tinha uma grande e famosa feira livre de alimentos aos sábados. No entorno, prédios de classe média, e média alta e comércio de joias, livrarias, cafés, teatros e restaurantes que eram frequentados por muita gente durante os dias e as noites. Naquela época, antes do aparecimento dos shopping

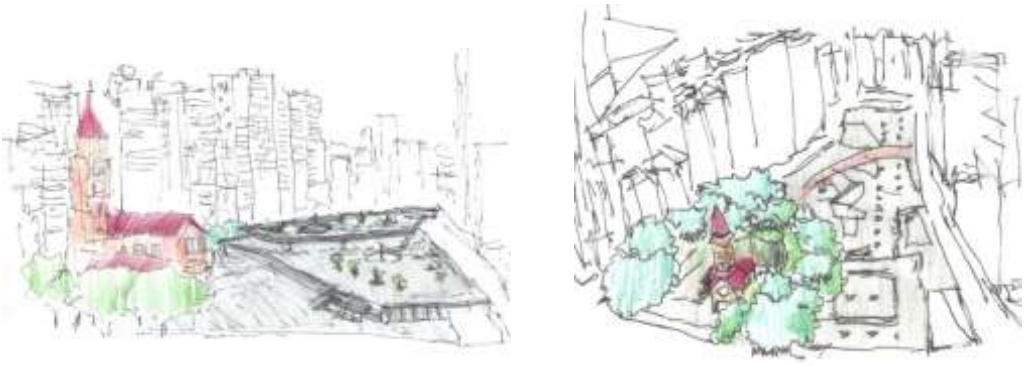
centers, o centro da cidade era muito movimentado pelo comércio, restaurantes e serviços existentes.

No final dos anos 1960, o aparecimento dos shoppings centers e o deslocamento das pessoas para os comércios novos que apareciam, o centro da cidade – e em alguns pontos de comércio em bairros residenciais – foi perdendo a sua atratividade para boa parte da população.

O crescimento de veículos na cidade levou a novos planos de avenidas e viadutos para o sistema viário. Nesse mesmo momento surge um grande projeto de via expressa que destruiu a área da Praça Roosevelt e foi construída nela uma área suspensa com supermercado, correio, polícia e escola infantil, estacionamento, com a via expressa de ligação leste/oeste da cidade passando no subsolo. Um projeto de praça construído, bem elaborado, mas para o local foi motivo de degradação. A própria praça não foi utilizada pela população. Com isso o local se tornou ponto de usuários de droga, prostituição e bandidos. No entorno, os bares, boates, casas de prostituição e comércio de baixa categoria floresceram e o público foi abandonando o local, desvalorizando completamente a área.

Permaneceu assim por décadas, até um novo projeto ser aprovado, com a construção de uma nova praça que foi aceita pela população e revitalizada com a retomada de novos usos.

Figura 2 - Praça Roosevelt antes e depois.



Fonte: Croqui do autor.

Mais um fato muito polêmico acontece em São Paulo. O famoso Vale do Anhangabaú durante o século passado passou por muitas transformações, continuando

neste século. O vale, até os anos 1820, foi palco de lavagens de roupas no córrego Anhangabaú e depois de plantações de chá e de agrião.

Com a grande ligação dos dois lados do vale, no fim do século XIX e início do XX, com a construção dos viadutos do Chá e Santa Ifigênia, a região se tornou um parque (Parque Anhangabaú) com estilo europeu e com o córrego canalizado. Nos anos 1930, o local se torna uma grande avenida e se consolida como área de passagem só de veículos.

Para uma retomada de criar novo parque, foi escolhido, através de concurso público, o projeto de Jorge Wilheim e Rosa Kliass, em 1991. Esse projeto levou os carros para túneis e criou uma laje, sobre a qual foi montado um novo parque com passeios sinuosos, um espelho d'água, massa de vegetação significativa e área cultural para shows e eventos.

E a última transformação ocorreu a partir de 2013, com um projeto do escritório do arquiteto dinamarquês de Jan Gehl. Ele mantém o tamanho e a laje atual do parque, mas aumenta a área de circulação de pedestres, com retirada dos gramados na área central e concentração das árvores nas laterais, próximas aos prédios.

Uma transformação polêmica em que arquitetos, urbanistas e população discutem os prós e contras dessa obra – como a troca da massa de vegetação e do espaço sinuoso por pisos. Essas grandes transformações que ocorrem na paisagem registram o quanto os espaços necessitam de mudanças que acontecem de tempos em tempos, mas é preciso mais atenção na sua valorização e no cuidado com a população que utiliza o lugar – um espaço social da cidade que vai ser degradado ou valorizado pelos usos futuros.

Muitas ideias apareceram em intervenções em viadutos de varias partes do mundo. Um exemplo é o projeto de parque urbano elaborado numa linha de trem desativada num viaduto na cidade de Nova York, o High Line. Temos também outro projeto onde existia um viaduto em Seul na Coreia do Sul. Ele foi demolido, dando lugar a um parque com água que tinha sido um rio canalizado, hoje aberto e aproveitado para o lazer. Existe também em Paris outra linha férrea que passava sobre um viaduto e que foi transformada num parque, o Parque das Artes. E no térreo, cafés, restaurantes e lojas participam dos espaços turísticos e de lazer da cidade.

Figura 3 - Viaduto que virou parque em Seul, Coreia do Sul .




Fonte: Autor.

Estes exemplos mostram o que pode acontecer em grandes ou pequenos projetos de intervenção urbana. Podemos valorizar a arquitetura como destruí-la; pode-se também ter novas formas de uso com o aceite da população como ir ao abandono. São os casos dos exemplos dados: ao contrário da elevação do padrão da área.

Nestes últimos *booms* imobiliários, vimos grandes transformações nas diversas cidades brasileiras com áreas de bairros comerciais ou industriais se tornarem centros de alto padrão residencial, com empreendimentos e tipologias verticais e valorização dos espaços.

Podemos como exemplo citar os bairros de Vila Leopoldina em São Paulo, onde os galpões industriais aos poucos foram tomados por construções de condomínios residenciais de médio e alto padrões, tornando o local totalmente residencial.

Falando em condomínios, a partir dos anos 1990, os projetos de paisagismo foram cada vez mais contratados pelas incorporadoras para valorização do espaço externo das áreas – como também existe um reconhecimento pelos projetos de vários arquitetos paisagistas.

Antes dos anos 1980, os edifícios eram construídos praticamente no terreno todo, seguindo os limites da legislação. A ideia era construir ao máximo o metro quadrado de cada apartamento. Não se contemplavam as atividades de lazer e esportes.

Nesse tema das áreas de lazer em edifícios residenciais, não podemos deixar de citar os prédios do construtor, e não arquiteto, Artacho Jurado. Foi o primeiro que criou áreas de lazer dentro de condomínios. Os jardins, piscinas e áreas comuns refletem o que ele chamou de “estilo do bem morar”.

Além de suas construções terem causado polêmicas no início dos anos 1950, pela inovação dos padrões da época, com suas cores, materiais, formas e estilos diversos, trazendo um novo olhar nas varandas dos apartamentos, nos jardins e coberturas. Hoje,

suas obras são marcos da arquitetura e verticalização paulistana. E nenhuma delas passa despercebida pela cidade graças à criatividade de um construtor que lutou pelo seu estilo de arquitetura, inovando os espaços internos e externos dos condomínios.

Com o surgimento de apartamentos cada vez menores e as necessidades dos moradores por segurança e espaços de convívio (principalmente dos jovens e das crianças), os projetos de paisagismo vieram a contribuir com as novas atividades nos condomínios com espaços de lazer, esporte, gourmet, área verde, até áreas de convivência de cães, hortas comunitárias e outros espaços.

Não podemos deixar de comentar que muitos dos grandes condomínios criados em bairros sem muita estrutura ainda são como oásis onde internamente existe de tudo: lazer, esporte, segurança, convívio etc, e do lado de fora encontramos um bairro com a falta de recursos, áreas de lazer e estrutura precária.

Figura 4 - Condomínios fechados.



Fonte: Fotos do autor.

Podemos encontrar intervenções na paisagem que foram criadas por motivo de eventos como a Copa do Mundo, feiras internacionais, e mesmo as Olimpíadas. Dentro disso temos exemplos clássicos da boa intervenção, das Olimpíadas de Barcelona e de Londres, com projetos minuciosamente perfeitos para receber os Jogos Olímpicos e com previsão de utilização para depois do final dos eventos.

Foram projetos paisagísticos bem montados, arborizados, com praças, preservação de imóveis históricos, revitalização de áreas, parques, pavilhões de esportes e edifícios da vila olímpica. Posteriormente foram adaptados para a criação de bairros importantes que hoje são utilizados pela população e esportistas – uma visão para um futuro, que faz desses lugares um grande atrativo turístico. Em outras cidades não ocorreu o mesmo. Muitos dos prédios e pavilhões estão deteriorados e esquecidos, como também áreas foram destruídas e abandonadas, como aconteceu no Rio de Janeiro.

Percepção da paisagem

Para conhecermos bem um lugar devemos, antes de tudo, analisá-lo pormenorizadamente os seus aspectos físicos, sensoriais e dominar a percepção do espaço.

Na cidade que habitamos, a quantidade de atividades que desenvolvemos na nossa correria diária nos impedem de perceber alguns significados dela – e suas mudanças. Chegamos até a ficar incomodados com algumas situações (um buraco na calçada, por exemplo), mas deixamos passar e esquecemos segundos depois. Por vezes nem percebemos uma loja nova ou uma edificação que foi reformada e/ou teve a cor alterada.

Na verdade, é basicamente no cotidiano que, em geral, focamos a mente na nossa meta e, automaticamente nos deslocamos sem preocupação em observar os caminhos que nos são familiares. Tanto que é comum tentarmos lembrar como chegamos a determinados lugares e percebermos que sequer recordamos de qual foi o trajeto percorrido.

Tudo é diferente de quando vamos a um lugar que não conhecemos (normalmente em viagens de turismo), ocasião em que ficamos mais alertas e acabamos tomando conhecimento de mais detalhes do que as pessoas que habitam o local. Descobrimos os edifícios históricos, o patrimônio da cidade, seus parques, museus, comércio, prestamos atenção no calçamento, nos transportes públicos, na limpeza da cidade, nas pessoas, enfim, avaliamos a paisagem física, ambiental e sensorial.

Em qualquer caso, existem algumas situações que nos chamam menos ou mais a atenção por onde passamos. É diferente quando estamos dirigindo um automóvel e ficamos atentos às ruas e ao trânsito e esquecemos de olhar o entorno de onde passamos. Se estamos a pé ou de ônibus, podemos ficar mais atentos ao cenário e vivenciar melhor o caminho, percebendo como são os prédios, lojas, espaços públicos e as mudanças que acontecem na cidade.

Históricos do lugar e suas características

Em todos os momentos da História, a paisagem e os jardins foram representados de várias maneiras pelas técnicas existentes. Desde a época dos homens primitivos encontramos interpretações de seu habitat em desenhos nas cavernas. Em outras épocas, retratar a paisagem era função exercida por vários artistas com o dom de reproduzir a

natureza, as vivências humanas e os elementos das cidades mostrados com a sutileza dos impressionistas.

Nas épocas das descobertas, muitos retratistas viajavam com os navegadores para mostrar a paisagem dos lugares aos monarcas. Pintavam os cenários, espécies vegetais e animais, e os habitantes. No Brasil, ficaram famosos os trabalhos de artistas como o francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e o alemão Johan Moritz Rugendas (1802-1858).

Já a partir da metade do século XIX, a fotografia trouxe o grande avanço de documentar a paisagem – uma grande descoberta que retratou a vida humana durante no século XX, se tornando um instrumento cada vez mais simples e popular. Com os novos equipamentos e tecnologias, a forma de divulgar as imagens se torna cada vez mais rápida.

A religiosidade e a necessidade do homem de buscar seu futuro pós vida, foram retratadas nas artes por pintores, que documentaram paisagens simbólicas do chamado Jardim do Éden – o paraíso com a figura de Deus como foco principal e os jardins como local da eternidade.

No período clássico, encontramos as formas de cultivar alimentos dos assírios, com suas técnicas de drenagem e captação de água; os Jardins Suspensos da Babilônia, sagrados como uma das Sete Maravilhas do Mundo, com vários patamares de terraços plantados com uma irrigação perfeita.

O simbolismo aos Deuses estava sempre representado. No Egito, os jardins eram simétricos e ligados com a astronomia (quatro pontos cardeais). Já na Pérsia, nos locais restritos e cercados com flores perfumadas, os jardins eram paradisíacos, com bosques e animais livres, que levavam à ideia do paraíso. Na Grécia, nesse mesmo período, as criações de estátuas humanas e de animais aproximavam a natureza ao amor à vida: temos os jardins fechados com várias árvores frutíferas (cultuando a fertilidade). Os pórticos e as colunas aparecem compondo com a vegetação. Em Roma, muitos jardins foram criados como santuários. As vilas tinham fortes influências gregas, com pórticos e esculturas nos jardins. Além da utilização de maciços de plantas, novos elementos como os arcos eram construídos para sombrear os grandes pátios.

Na Idade Média, os jardins ficavam dentro dos muros dos castelos. O lado de fora era local de morte e perigo. Assim, as aldeias eram deterioradas e não tinham mais o verde. A vida estava dentro dos muros dos mosteiros e castelos, onde encontravam-se hortas e árvores frutíferas. Os monacais representavam o luxo romano com pomar, horta,

plantas medicinais e jardins floridos dentro dos muros. Os mouros, na Espanha, implantaram, com sua cultura e usos, a utilização de fontes, cerâmicas coloridas e azulejos (com vários tons de flores e frutas) – em jardins fechados entre muros. A água era utilizada como decoração e para refrescar os ambientes. Os jardins traziam harmonia, com água, cores e perfumes das plantas.

No Renascimento os jardins foram transformando as paisagens, e eram ostentados pelos monarcas para valorizar o reino e a grandiosidade de seus palácios. Os jardins franceses e italianos eram projetados com formas geométricas, simétricas e tendo a perspectiva como elemento de valorização da paisagem e das construções.

Por isso é que, quando conhecemos um espaço, temos que ter o olhar da sua história e características marcantes. No Jardim de Versailles, na França, por exemplo, temos um importante patrimônio inserido nesse espaço. Vemos nele o típico jardim francês de topiarias e simetrias, compondo com as esculturas e fontes e o visual do castelo, tendo arbustos para emoldurá-lo, acessos e alamedas entre árvores, o que nos remete à história da realeza. Claro que ninguém faria um jardim como ele hoje em dia. Os usuários mudaram seus costumes e sua forma de utilizar o parque e os jardins. Na época, existia um conceito de dominação da natureza que significava o domínio do Rei (regime absolutista).

O jardim de estilo francês é identificado por ser formal, geométrico, com formas perfeitas e caminhos largos. Considerado como um "jardim clássico" pelas suas alamedas de ciprestes e topiarias dos arbustos, com cercas vivas que definem rigidez e formalidade. Além dos jardins do Palácio de Versalhes, encontramos essas características também nos jardins de Vaux-le-Vicomte, projetados por André Le Nôtre, no século XVII, durante o reinado de Luís XI

As características físicas dos jardins nos remetem à cultura de cada região. Como falamos de Versailles com a cultura francesa da época absolutista – estrutura dura como seu regime político – temos os parques ingleses com um contraponto filosófico da liberdade. Daí a criação de espaços mais naturais, utilizados para caça ou piqueniques.

O jardim inglês, imitando a paisagem natural, tem uma vegetação bem diversificada, mas também com os elementos materiais de rochas e restos de árvores mortas, criando clareiras, apresentando maciços e bosques, além de grandes áreas de gramados compondo com alamedas e caminhos. Vários elementos são usados para compor o jardim. O relevo, cheio de níveis e ondulações se cobre com cores, flores, árvores e arbustos. Sempre com aromas diversos de ervas e flores. Vemos belos parques

ingleses que foram criados para a nobreza, e hoje são jardins e parques urbanos utilizados pela população com um traçado sinuoso com os elementos de água (lagos e riachos) que dão a sensação de romantismo.

Outro estilo marcante, repleto de simbolismos e energia, é característico dos jardins orientais, sendo os chineses os mais antigos das civilizações – com mais de cinco mil anos. São cheios de significados de suas culturas e religião (contemplação de paz e espiritualidade). No jardim chinês, o olhar natural é a sua maior característica, dando a impressão que foi criado naturalmente. A composição de tudo tem que estar perfeita e harmônica. São usadas pedras, pontes, conjuntos de árvores, e construções de templos.

Também o jardim japonês dá grande importância aos elementos e seus significados, que estão ligados à filosofia e à espiritualidade como fator simbólico. As pontes, com a mesma simbologia dos jardins chineses, trazem o relaxamento no olhar sobre lagos de carpas, que significa a transição do mortal para o sagrado. A água, as pedras, a areia, os pedriscos, plantas e esculturas e pequenos objetos, são representativos dessa filosofia e arte. A água simboliza o ciclo da vida. A cerejeira, a felicidade; a flor de lótus serve para vencer os desafios e a escuridão. O acer vermelho, árvore caduca – com folhagem que muda de cor – representa o lado reflexivo, e o pinheiro japonês, a eternidade. O lago de carpas tem o simbolismo da fertilidade; a ponte dentro do jardim tem como significado o autoconhecimento. Já o bambu, com sua flexibilidade, conduz à capacidade de adaptação e mudanças. As lanternas de pedra que levam à meditação e à iluminação da mente. Os elementos de terra, água, fogo, ar e espírito de acordo com os princípios budistas estão sempre presentes. As pedras, dependendo da forma como são colocadas têm uma representação diferente, que pode significar o homem ou a mulher e seus descendentes. São colocadas rodeando os lagos com a vegetação. Os cascalhos e areias têm outros significados nos jardins Zen: numa miniatura de jardim, a areia é desenhada representando a água de rios e a evolução do ser humano, tudo entre as pedras.

Vários sinais estão nos elementos que nos induzem à espiritualidade, à meditação, à natureza, felicidade, à reverência ao ser superior, ao auto conhecimento, à fertilidade entre muitos outros. É uma arte milenar.

Figura 5 - Jardim japonês (id.3152140 mahout depositphotos.com) e bridge-5466981_1920.



Fonte: Imagem de Claire Diaz por Pixabay.

Voltando ao ocidente, os parques e jardins italianos nos remetem aos jardins franceses com mais romantismo e cores. Dessa forma, precisamos olhar a cultura e os significados que cada espaço tem na sua história. As árvores frutíferas, as trepadeiras sobre treliças e pergolados, as flores perfumadas compondo com esculturas, a água dos chafarizes, os espelhos de água e fontes, oferecem o lado romântico desse tipo de jardim. Diferente dos jardins franceses, eles quebram a formalidade e se entregam ao sentimento de romantismo com vários elementos como os vasos cerâmicos, bancos, esculturas, além pergolados e treliças. Caminhos de alamedas floridas com cercas vivas direcionam aos pontos de contemplação que normalmente estão nos espelhos d'água, suas fontes e esculturas.

Figura 6 - Jardins italianos.



Fotos: Tanja Schuls,Tanja Ernest e Charlotte Putch.

Nos jardins tropicais, a sensação é a de que a paisagem se formou sozinha sem a interferência do homem. Rica em espécies, pode ser criada ou recuperada por projetos paisagísticos. Roberto Burle Marx aprendeu a utilizar as espécies nos variados projetos que fez em locais de Mata Atlântica, caatinga e em outros biomas. Existem projetos de sua autoria em que não se distingue até que ponto houve sua interferência na paisagem – ou foi da formação natural das matas. Uma bela precisão de projeto.

As plantas do jardim tropical têm formas diversas e cores vivas além dos tamanhos das folhagens com diferentes texturas e tons de verde. Podemos encontrar vários tipos de palmeiras, bromélias, helicônias, alpínias, bananeiras, dracenas, orquídeas e folhagens diversas e de vários tamanhos, tudo isso criando composições com água, seixos de rios, pedras entre outras muitas opções.

Existem os jardins desérticos ou rochosos que têm uma paisagem árida com cactos e suculentas, formas e tamanhos distintos. Muitos desses jardins têm como características elementos: areia, pedriscos como forrações, e pedras rochosas. São jardins rústicos com cores que vão do amarelado ao cinzento, tendo como beleza flores que duram por um dia, espinhos e as folhas fibrosas das suculentas. Necessitam estar em locais de insolação, não requerem muita manutenção, com pouquíssima irrigação. Por esse motivo essas plantas se tornaram modismo, pois os jardins de suculentas e cactos são encontrados em pequenos espaços (vasos, floreiras, arranjos) e jardins verticais, com composições de mini jardins.

Os jardins brasileiros

As histórias estão inseridas em praças, parques e na formação das cidades. As praças no Brasil eram conhecidas como pátios ou terreiros onde aconteciam o convívio e o encontro das pessoas. Tudo nas vilas do Brasil Colônia acontecia lá: desde mercados, feiras ou festas políticas e religiosas, como também os castigos dos presos e escravos. Normalmente esses pátios eram cercados por construções do poder público (prefeitura), do mercado e da igreja. Costumavam ser em terra batida ou pedras (exemplo da cidade de Parati, RJ, ou o Largo do Pelourinho, em Salvador).

Se olharmos as praças de Ouro Preto, por exemplo, temos as igrejas no entorno dando a medida da fé da população. A cidade e seus pátios externos têm um ar histórico que é próprio do barroco colonial, um pouco pesado.

O primeiro parque no Brasil foi o Passeio Público, inaugurado em 1783, no centro do Rio de Janeiro, idealizado pelo escultor e arquiteto Mestre Valentim, considerado o melhor artista da cidade.

Foi proposto um jardim em estilo francês, totalmente plano, com ruas em linhas retas, mas ao longo de sua história, teve inúmeras intervenções que transformariam seus espaços. Sua principal transformação ocorre na década de 1860, feita pelo paisagista francês Auguste Glaziou (1833-1906), transformando-o em um jardim romântico, do tipo conhecido na época como jardins "paisagistas".

Segundo o professor *Naylor Barbosa Vilas Boas,* no artigo *"O Passeio Público do Rio de Janeiro: Análise Histórica com Auxílio da Representação Gráfica Digital",* "a *intervenção de Glaziou revigora o Passeio Público, naquele momento em lastimável estado de conservação, fazendo com que novamente adquira a devida importância como jardim público e referência como espaço de lazer para a cidade*".

O Passeio Público, reformado por Auguste Glaziou, na época de D Pedro II, ao longo do tempo, teve outras mudanças, perdendo o traçado original. Hoje é um local tombado, ainda utilizado como área de lazer.

Podemos dizer então que o paisagismo no Brasil começou com Mestre Valentim no projeto do primeiro Passeio Público do Brasil, no Rio de Janeiro, passando por Auguste Glaziou. Especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo encontramos intervenções paisagísticas de Paul Villon, Antoine Bouvard, Arsene Puttmans e Reynaldo Dierberguer e outros, sempre com a tradição de estilos de jardins clássicos e formais.

Nas primeiras décadas do século XX o Paisagismo não teve expressividade, principalmente pela permanência dos estilos europeus dos séculos XVIII e XIX. O estilo art nouveau estava no apogeu e vários paisagistas europeus se influenciaram dando seu ar nos estilos de jardins.

Figura 7 - O jardim da Pinacoteca de Santos, em estilo europeu.





Fonte: fotos do autor.

A partir de 1930 surge Roberto Burle Marx com um grande ensinamento sobre a rica flora brasileira, e rompeu os traços dos jardins europeus por desenhos inovadores do modernismo (que surgia na arquitetura) e aplicados nos seus projetos com a vegetação nativa brasileira.

Considerações finais

Baseado no livro "Da semente à paisagem" de minha autoria, este artigo foi desenvolvido para mostrar a importância da conceituação da paisagem.

A vida muda constantemente em seu tempo e espaço e a paisagem cria o mesmo movimento com a diferença que a paisagem esta ligada as estruturas físicas e sensoriais e está sempre se alterando pelo cotidiano percebendo os espaços dos trajetos e visualizações. Seja um projeto da paisagem de caráter urbano, rural ou ambiental, é a estruturação do espaço que atingimos.

Para o desenvolvimento de uma intervenção da arquitetura da paisagem, essa e outras conceituações são necessárias para a análise do espaço a ser projetado. Temos histórias que não podemos descartar de jardins, estilos e vivencias de várias partes do mundo, temos experiências de intervenções seja bem ou mal sucedidas, temos uma natureza a ser cuidada e o espaço urbano onde vivemos. Os Projetos da paisagem que harmonizam os espaços vão nos oferecer maior sensibilidade, visualização e percepção.

Referências

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**. 1.ed. São Paulo: Senac; 2006.

BEI, Fabio. **Da semente à paisagem**. 1.ed. Belo Horizonte: Editora Dialética; 2021.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: edições 70; 2006

HUTCHISON, Edward. **O desenho no projeto da paisagem**. São Paulo: Editora Gustavo Gili; 2012.

KLIASS, Rosa Grena. **O livro da rosa**. São Paulo: Romano Guerra Editora; 2020.

LINCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes; 1995

LORENZI, Harri. **Plantas ornamentais do Brasil**. São Paulo: Plantarum; 2008

_____. **Arvores brasileiras**. São Paulo: Plantarum; 2008

_____. **Palmeiras do Brasil**. São Paulo: Plantarum; 2008

_____. **Plantas para jardins do Brasil**. São Paulo: Plantarum; 2008

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo do Brasil**. São Paulo: Edusp; 2015

_____; Robba, Fabio. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp; 2010

MASCARO, Lucia; Mascaro, Juan Luis. **Vegetação urbana**. 4editora; 2002.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. O Manual de Técnico de Arborização Urbana da Secretaria do Verde e Meio Ambiente de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. **Metarmorfoses do espaço habitado**, fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec;1988.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público,** jardins do Brasil. São Paulo: Nobel; 1996.

SPIRN, Anne Whiston. **Jardim de granito**. São Paulo: Edusp; 1995.

TUPIASSU, Assucena. **Da planta ao jardim**. São Paulo: Nobel; 2008.